

OS REFLEXOS DA URBANIZAÇÃO DO CAMPO NOS MODOS DE MORADIA DAS FAMÍLIAS RESIDENTES NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE ARAPONGA - MG¹

CONSEQUENCES OF COUNTRYSIDE URBANIZATION ON HOUSING STYLES OF FAMILIES LIVING IN RURAL AREA OF ARAPONGA MUNICIPALITY, MINAS GERAIS STATE, BRAZIL

Edilene Pereira Guimarães²
Neide Maria de Almeida Pinto³
Ana Louise de Carvalho Fiúza⁴

1. RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender as influências do processo de *urbanização do campo* nas condições de moradia das famílias rurais do município de Araponga, MG. Buscou-se perceber indícios das possíveis transformações ocorridas nesse espaço constatadas em termos dos “*modos de vida do rural tradicional ao moderno*” e expressos nos modos de morar das famílias. O referencial teórico foi construído a partir de autores que se dedicaram a estudar o processo de urbanização. A pesquisa foi de natureza descritiva utilizando-se de fontes primárias, a partir de questionários semi-estruturados aplicados a 72 famílias. Os resultados apontaram parcialmente a interferência dos indicadores de urbanização nas moradias, tanto em relação ao acesso a serviços de infraestrutura assim como nos aspectos ligados ao interior da casa que se assemelhava às habitações citadinas. Entretanto, comprovamos que mesmo a apropriação de bens e serviços característicos da cultura urbana não caracterizou uma perda das especificidades culturais do grupo.

¹ O trabalho faz parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica do 1º autor, tendo recebido apoio da CAPES.

² Economista Doméstica. Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. edilene.guimaraes@ufv.br

³ Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP e professora do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. nalmeida@gmail.com

⁴ Doutora em Sociologia na área de Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade pela UFRRJ/RJ e professora do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. louisefiuza@ufv.br

Palavras-chave: Modos de vida. Moradia. Consumo.

2. ABSTRACT

This paper aims to understand the influences of the countryside urbanization process on living conditions of rural households in the municipality of Araçuaia, Minas Gerais, State-MG, Brazil. It was sought to realize indications of possible transformations in this space comparing "traditional and modern livelihoods in the countryside" expressed in housing styles of families. The theoretical framework was constructed based on devoted studies of some authors about the urbanization process. This research was descriptive using primary sources and semi-structured questionnaires applied to 72 families. Results showed partial interference of urbanization indicators on housing styles, whether in relation to infrastructure services access, as well as the aspects linked to the inside of the house that resembled the housing style of the cities. However, it was proved that the appropriation of goods and services proper of urban culture did not feature a loss of cultural specificity of the countryside's group.

Keywords: Livelihoods. House. Consumption.

3. INTRODUÇÃO

O meio rural tem passado por diferentes mudanças estruturais resultantes essencialmente do processo de urbanização. Essas mudanças se estendem e penetram em áreas significativas das zonas rurais, modificando os modos de vida dos habitantes do campo que se apropriam de novos estilos de vida e incorporam novos valores e rotinas tidas como mais modernas e urbanizadas.

Dessa forma, pensar nas repercussões que o processo de urbanização do campo pode causar sobre os modos de vida das famílias que residem neste espaço é um desafio a ser investigado. Certamente esse processo estando vinculado à ideia de uma aproximação entre o campo e a cidade, particularmente no que se refere ao acesso de seus respectivos habitantes aos bens e serviços disponíveis na sociedade, nos levam a compreender como as famílias residentes no campo se organizam e fazem uso dos seus espaços.

É pensando nisso que temos nas teorias relacionadas ao *processo de urbanização do campo* a base da fundamentação de nossas análises. A vertente escolhida por nós, que tem em Rambaud (1973) um dos seus principais teóricos, percebe esse processo como tendo uma lógica englobadora e se caracteriza por um processo de expansão da sociedade urbana, concebida como nascendo na cidade, mas, se expandindo, englobando e envolvendo o campo. Processo que se manifesta pela incorporação de um modo de vida urbano pelos moradores do campo e conseqüentemente por uma similaridade e proximidade, cada vez maior, de modos de vida até então concebidos como distantes e diferentes, que vêm se expressando principalmente nas formas de moradia nos espaços rurais chegando a reorientar a maneira de viver das famílias que ali residem.

Nesse sentido, torna-se o objetivo de investigação deste artigo compreender as influências do processo de urbanização do campo no modo de moradia das famílias que residem nesse espaço. Tomou-se como referência empírica a zona rural do município de Araponga do Estado de Minas Gerais. Especificamente, buscou-se descrever as moradias das famílias rurais do município de Araponga, de forma a caracterizar as condições de moradia e do microambiente familiar, assim como, analisar em que medida essas edificações expressariam mudanças ou permanências nos modos de morar das famílias na atualidade.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A urbanização, por ser um fenômeno demográfico e social, é caracterizada como uma manifestação das relações econômicas e dos modos de vida vigentes numa comunidade em dado momento histórico. De acordo com Sposito (2010), mesmo tendo a urbanização iniciado há mais de 5.500 anos, ainda não se havia experimentado uma amplitude de ritmos de crescimento do número de cidades, de seus tamanhos e da proporção de pessoas que vivem em espaços urbanos, relativamente aos habitantes dos espaços rurais. Esse processo, de certa forma, suscita desafios à sociedade que experimenta novas formas de *habitat* e de vida.

Sendo assim, para uma melhor compreensão desse processo e sua influência nos modos de vida, especificamente nos aspectos habitacionais, consideramos essencial a

referência ao passado, buscando traços da constituição da sociedade brasileira, uma vez que ela fornece subsídios para compreensão da formação de um modo de produção urbano-industrial capitalista que esteve atrelado ao enfraquecimento da economia colonial e à emergência de uma economia de mercado.

4.1. Resgate histórico das formas de morar durante o período colonial

Em sua obra “*Casa-grande & Senzala*”, Freyre (1973) analisa os elementos centrais que serviram de alicerce para a sociedade brasileira e para a formação da nossa cultura. Segundo o autor, no Brasil Colônia, nossa base econômica se constituiu a partir de um sistema de produção monocultora com base na mão-de-obra escrava cujas condições de vida se deram intrincadas pela estabilidade do regime patriarcal da família.

Alguns elementos trazidos por Freyre (2004) acerca dos modos de vida do período colonial são reveladores do peso da estrutura agindo sobre as pessoas, bem como a existência da lógica do privado e não a do público. Nesse sistema, o patriarca detinha o controle sobre escravos, familiares, os filhos e seus descendentes, a mulher, entre outros elementos que se abrigavam em sua propriedade rural e o peso social e simbólico da família eram muito evidentes.

Na organização espacial dessa estrutura, a casa compunha o espaço das multifuncionalidades, como unidade de produção e consumo — uma verdadeira indústria doméstica⁵ — devido ao isolamento que existia entre as habitações. Era também, como Gilberto Freyre demonstra em sua obra, local onde se podia penetrar e ser penetrado pelas estruturas que ela mesma inventava. Ou seja, a casa-grande, juntamente com a senzala, representava tanto um sistema econômico, social e político, quanto cultural da época. Sua autonomia se dava em termos de que nessa estrutura se abrigava toda a base sobre a qual se alicerçava o sistema agrário. Foi ainda o local de produção agrícola, local de diversão, banco, cemitério, escola, igreja e o que mais se queira que tinha como propósito atender a toda a população que ali residisse. De acordo com Freyre (2004, p.17), era como um “*campo do qual se irradiam modelos de comportamento, comandos, símbolos e, sobretudo, relações sociais*”.

⁵ Local onde escravos e senhores se envolviam no dia-a-dia numa série de atividades que visavam à alimentação, ao vestir, à construção e fabricação de equipamentos e utensílios de uso diário.

No contexto apresentado pelo autor, a casa era, portanto, reveladora das formas de sociabilidades e das relações de poder e hierarquia que estavam postas naquele momento do Brasil – Colônia. No contexto de uma sociedade que ainda não se institucionalizara, pois o Estado não se fazia presente, sendo a família patriarcal a instituição monopolizadora que vigorava no momento.

No seu estudo *“Famílias e Vida Doméstica”*, Algranti (1997) analisa o sentido da vida privada nas primeiras décadas do século XVI para aqueles que *“moravam a quilômetros de distância uns dos outros, afastados do que poderíamos considerar uma vida efetivamente pública, num território pouquíssimo povoado, cercado de índios e escravos que poderiam ser hostis (...)”* (ALGRANTI, 1997, p.88). Naquele contexto, o domicílio, enquanto espaço de intimidade, é tomado como elemento revelador da vida doméstica no Brasil – Colônia, mais do que a própria família. A partir da moradia e das atividades desenvolvidas no seu interior, Algranti nos aproxima das formas de convívio e sociabilidade na Colônia. Ao caracterizar os domicílios nas primeiras décadas do século XVI a autora os descreve como distantes um dos outros, de diversos tipos, habitados por indivíduos de origens diferentes num território pouco povoado, privados de uma vida pública.

A autora descreve que nas vilas e cidades, nos três primeiros séculos da colonização, o aspecto das moradas apresentavam-se simples e pobre, uma vez que eram povoadas por pessoas com poucos recursos, havendo assim, certa homogeneidade nas construções urbanas. As casas eram de tamanhos reduzidos, de apenas um andar, nas quais predominavam os materiais disponíveis na região, como barro, madeira ou pedras.

Em termos das condições de habitação no meio rural podemos perceber que elas guardam uma estreita relação com o desenvolvimento das cidades. De acordo com Freyre (2004), nos primeiros tempos, as coberturas de capim ou sapé pareciam ter sido utilizadas de uma forma geral, independente dos contextos de classe social. A cobertura de sapé das primeiras casas-grandes e dos primeiros sobrados levou-o a identificar as edificações dessa primeira fase como sendo *“um pouco mucambos”*. No entanto, com o passar do tempo, as casas mais abonadas foram se diferenciando das casas dos pobres pela elevação do edifício (os sobrados) e pelo tipo *“menos vegetal”* dos materiais

empregados na casa, uma vez que nessas camadas passou-se a utilizar elementos mais duradouros como pedra e cal, adobe, telha, madeira de lei e grades de ferro.

O povoamento e a colonização trouxeram transformações: novos costumes trazidos pelos imigrantes; maior conforto e novos significados à intimidade. Cronistas e viajantes percorrendo o Brasil entre os séculos XVI e XIX também deixaram suas impressões escritas sobre a forma de morar dos colonos, tanto no mundo rural como no urbano. As diferenças se refletiam pela diversidade dos materiais utilizados na construção, pelas formas arquitetônicas, divisão interna, na forma de morar dos mais humildes e dos privilegiados (ALGRANTI, 1997).

A partir dos fins do século XVIII, com a decadência do patriarcado rural, com a mineração e com a chegada de D. João VI em 1808, o país começa a vivenciar o início do processo de urbanização e mudanças na estrutura antes existente passam a se evidenciar. Segundo Freyre (2004, p.126), *“foi um período de diferenciação profunda”* onde o patriarcalismo se urbanizou, visto que, *“Mauá e os ingleses modernizaram a técnica de transporte. Os serviços urbanos se aperfeiçoaram e com eles – iluminação, calçamento, e, por fim, saneamento – os estilos de vida nas cidades”*.

Nesse cenário, uma das expressões dessas transformações referiu-se à **arquitetura das habitações**, onde, segundo as descrições trazidas por Freyre (2004), a situação social dos moradores se distinguia pelo tipo de material utilizado na construção da casa, que variava de pedra e cal à palha, e que representava a situação social dos moradores. A partir dessa distinção, decorrente da diversificação da economia e do crescimento urbano, pôde-se perceber que as casas-grandes se urbanizavam em sobrados e vivendas mais requintados com um toque europeu.

O **reequacionamento dos espaços** também evidenciou essas transformações. Os próprios espaços foram reorganizados no interior das casas, demonstrando sinais de uma vida íntima em ascensão, apontando elementos capazes de transparecer os modos de vida das pessoas e das famílias, já que antes o reduzido número de cômodos não deixava dúvidas sobre a superposição de funções e atividades que neles se desenvolviam, além da falta de privacidade (ALGRANTI, 1997).

Da mesma forma, os **equipamentos** das moradias, com seus móveis, utensílios e adornos também são instrumentos que possibilitam conhecer os modos de vida das pessoas e as relações que vão sendo estabelecidas entre o campo e a cidade. Uma vez

que, com o passar dos anos, alguns equipamentos foram sendo substituídos, outros desapareceram totalmente ou mudaram de função.

Nessa perspectiva, essas discussões nos permitem perceber a relação que vai se estabelecendo entre a cidade e o campo. Silva (2007) comenta que o Brasil, antes um país predominantemente agrário, transformou-se em um país virtualmente urbanizado, ganhando intensidade na década de 1960 e 1970, devido à industrialização e ao processo de modernização das atividades agrárias, mas se desenvolvendo mesmo no século XVIII e XIX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, onde a integração do território se tornou viável introduzindo uma nova lógica social tanto no campo como nas cidades.

A partir dessa nova dinâmica marcada pela lógica da modernização e, especificamente, pelo o que Milton Santos (1994) chamou de meio técnico – científico – informacional, é onde se observa as remodelações que se impõem, tanto no meio rural quanto no meio urbano. Tratam-se de áreas cada vez mais dotadas de ciência, tecnologia e informação que passam a fazer parte dos afazeres dos indivíduos que vivem nesses espaços, graças aos investimentos em infraestruturas (SANTOS, 1994).

Percebe-se que há uma racionalidade propagada pela cidade, que se caracteriza pelos modos de viver urbano, que adentra o campo, seja por meio de elementos de infraestrutura (água, eletricidade) ou bens materiais (produtos eletroeletrônicos, mobiliários), fazendo com que muitas casas tenham semelhanças àquelas localizadas nas cidades (ENDLICH, 2010).

Para Rambaud (1973), a possibilidade de acesso que os rurais têm aos bens de consumo e aos serviços urbanos introduz no campo uma ética voltada para o consumo, destinada principalmente à compra de bens. Isso vem ao encontro da racionalidade, uma vez que a imagem que os rurais perpetram da cidade faz com que eles queiram se modificar a fim de tornarem-se menos isolados e terem uma postura mais aberta. Contudo, esse autor acredita que não há uma recusa do passado, mas sim uma ideia de continuidade com inovação, uma vez que os rurais poderão utilizar-se do passado, mas com inovações que são necessárias para o presente.

Nesse cenário, é fato que a inserção no mercado de consumo tem construído hábitos comuns entre os rurais e os urbanos. Hábitos⁶ estes que são reflexos das relações estabelecidas no cotidiano. A possibilidade de adquirir determinados produtos e serviços aproxima realidades que em outro momento eram bem contrastantes. Mercadorias são adquiridas por moradores do campo e da cidade, seja para suprir necessidades, divertir ou simplesmente enfeitar. O próprio consumo tornou-se um hábito comum aos espaços rurais e urbanos, isso em consequência da difusão dos meios de comunicação e o estreitamento das relações entre campo e cidade, que possibilitou que o mundo da mercadoria invadisse os espaços rurais. Segundo Bagli (2010, p.94), “*a lógica expansiva do modo de produção incorporou os espaços mais distantes via consumo*”.

Sendo assim, passaremos a perceber que esses espaços (campo e cidade) não são estáticos, e que esse acesso da população que vive no campo a bens e serviços produzidos na cidade se constitui em um dos mais expressivos retratos da transformação dos modos de vida no campo, que tende a refletir diretamente no estilo de vida das pessoas, em suas condições materiais de vida, tal como nas suas condições de moradia (RAMBAUD, 1973).

Neste cenário, de acordo com a concepção de Wanderley (2009), o acesso a bens e serviços se traduz em termos de *paridade social e econômica* entre habitantes do campo e da cidade. Essa perspectiva é compartilhada por Rambaud (1973) que acrescenta ser essa paridade, em parte, o produto da integração da sociedade rural à economia e sociedade global, mesmo que esta integração não se estabeleça de forma uniforme, já que nem todos os grupos sociais possuem poder aquisitivo para incorporar ao seu cotidiano o uso de tais tecnologias, existindo assim, desigualdades e diferenciação entre os grupos que habitam o campo.

⁶ Para Bourdieu (2008), o *habitus* é uma qualidade, no sentido pleno do termo, que realiza nossa relação com o mundo, sendo o princípio unificador e gerador de todas as práticas. O gosto, propensão e aptidão para a apropriação, material e/ou simbólica, de determinada classe se encontra na origem do estilo de vida.

5. METODOLOGIA

Este estudo tratou-se de uma pesquisa descritiva realizada na zona rural do município de Araponga, MG. Essa última refere-se a uma cidade rural⁷ que faz limites geográficos com outros pequenos municípios⁸, como Sericita, Jequiri, Canaã, Ervália, Miradouro, Fervedouro e Pedra Bonita. Para a seleção da amostra foi utilizada uma listagem fornecida pela Secretaria de Saúde do município de Araponga, com o total de famílias cadastradas no Programa Saúde da Família (PSF) de Araponga. Em seguida, foi composta uma amostra de 72 famílias com base no cálculo da amostra para populações finitas sugerida por Trila (2011)⁹. O número de famílias que compuseram o quadro da amostragem não foi aleatória, devido à maior parte das comunidades cadastradas serem de difícil acesso e pelo fato de as famílias também serem pouco acessíveis, entre outros fatores que nos fizeram optar pela amostragem não-aleatória intencional. Para a coleta de dados, que ocorreu no ano de 2012, optou-se pelo uso de um questionário semi-estruturado contendo questões referentes aos aspectos habitacionais, cujas variáveis eram compostas por: saneamento básico, tipo de materiais, revestimentos, acabamentos e função dos espaços, aspectos relacionados à casa e aos investimentos na mesma. Os questionários foram submetidos à tabulação e à análise estatística descritiva, sendo os resultados apresentados a partir de percentuais, médias, medianas e organizados em tabelas para melhor visualização. Os depoimentos

⁷ Nos referimos a “Cidade Rural” como um espaço marcado por um modo de vida que reflete uma pequena diferenciação social do trabalho e do tecido social. Além disso, esse espaço deve apresentar certas particularidades físicas, como pequena densidade demográfica, natureza com baixo grau de artificialização, mas com a presença de bens e serviços típicos do padrão de urbanização.

⁸ Refere-se a pequeno município, aquele que possui uma pequena densidade demográfica.

$$^9 n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times p \times q \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times p \times q + (N - 1) E^2}$$

em que n= tamanho da amostra (o que se deseja saber); Z= valor tabelado de uma distribuição normal (1,645); N= tamanho populacional (1254); E = margem de erro ou erro máximo de estimativa (10%); p = proporção populacional de indivíduos que pertence à categoria que estamos estudando (0,5); q = proporção populacional de indivíduos que pertence à categoria que estamos estudando (q = 1 - p) (q= 1- 0,5); e α = nível de significância.

tomados foram utilizados como dados da pesquisa, relacionados à realidade apresentada pelas famílias.

6. RESULTADOS

6.1. As condições de moradia e do microambiente familiar das famílias pesquisadas no município de Araponga, MG

Para caracterizar as condições de moradia e do microambiente onde estão as famílias pesquisadas, optou-se por identificar a moradia em relação a três itens: 1º) saneamento básico; 2º) tipos de materiais, revestimentos, acabamentos e funções dos espaços; e 3º) aspectos gerais relacionados aos investimentos que foram feitos nas habitações.

De acordo com os dados da pesquisa (Tabela 1), 100% das famílias possuíam água encanada armazenando-a de forma adequada (95,8%) em caixa d'água com tampa, ou armazenando-a em caixa d'água sem tampa (2,8%) ou ainda, em baldes, latas, frascos com tampa (1,4%).

Verificou-se também que em algumas moradias (11,1%) não tinha *filtro*, e para os 88,9% que possuíam este item, eles variavam entre filtros de barro (95,2%), purificador de água (1,6%), filtro elétrico (1,6%) e outros (1,6%).

Quanto ao *sistema de esgoto*, notou-se que apenas 27,8% das famílias possuíam esse tipo de sistema, dos quais em 72,2% dos casos a água e os dejetos iam diretamente para o córrego, sendo os outros tipos de sistemas distribuídos entre fossa séptica (26,4%) e fossa negra (1,4%).

TABELA 1 – Acesso das famílias pesquisadas na zona rural do município de Araponga a água, sistema de esgoto, coleta do lixo e energia elétrica.

	Frequência		Porcentagem (%)	
	Sim	Não	Sim	Não
Água encanada	72	-	100	-
Sistema de esgoto	20	52	27,8	72,2
Coleta de lixo pela Prefeitura	27	45	37,5	62,5
Energia elétrica	72	-	100	-

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2012.

No que se refere ao *banheiro*, notou-se que em praticamente todas as residências visitadas as famílias possuíam banheiro (98,6%), com exceção de apenas 1,4%. Dentre os principais locais onde estes se localizam, identificou-se que 87,3% estavam dentro de casa, 2,8% na parte externa da casa e 9,9% em ambos os locais.

Quanto ao *destino que era dado ao lixo doméstico*, constatou-se que a maior parte das famílias queimava o lixo (62,5%); enterrava (4,2%); separava em orgânico e inorgânico, sendo que esse último era levado para o lixão (2,8%); ou ainda, colocava o lixo em lata para ser recolhido (16,6%) ou separado em sacos plásticos e colocado na rua para o caminhão pegá-lo (13,9%).

Observou-se, também, que a *forma de recolhimento do lixo*, para aquelas comunidades que contavam com esse tipo de serviço fornecido pela prefeitura, se dava por semana (11,1%), de 4 em 4 meses (11,1%) ou, na maioria das vezes por mês (77,8%).

Em geral, quanto ao microambiente onde as famílias habitavam, observou-se que essas dispunham de serviços essenciais, como o acesso a água (100%) e energia elétrica (100%) para o seu dia-a-dia.

Quanto aos aspectos habitacionais relacionados aos *tipos de materiais, revestimentos, acabamentos e funções dos espaços* (Tabela 2), verificou-se que a maioria das casas possuía paredes de alvenaria (94,4%), sendo o principal tipo de acabamento das paredes feito com reboco e pintura (63,8%); cobertura de telha de barro ou colonial (94,4%); piso em cerâmica (58,3%); janelas variando entre os tipos de

materiais de madeira e misto (30,6%); iluminação embutida (56,9%) e com uma média de 4,72 e mediana de 5 cômodos por casa.

TABELA 2 – Condições das moradias das famílias pesquisadas, localizadas na zona rural do município de Araponga, MG.

Aspectos Habitacionais	Características	Número de Respondentes	Porcentagem (%)
Paredes	Alvenaria	68	94,4
	Pau a pique	4	5,6
Acabamento das paredes	Reboco e pintura	46	63,8
	Emboço e pintura	15	20,8
	Reboco	4	5,6
	Pintura	4	5,6
	Emboço	2	2,8
	Cal	1	1,4
Telhado	Telha de barro/colonial	68	94,4
	Laje com telha de barro/colonial/amianto	4	5,6
Piso	Cerâmica	42	58,3
	Cimento queimado	11	15,3
	Misto (cimento queimado/grosso/assoalho/tábua/cerâmica	14	19,4
	Cimento grosso	3	4,2
	Madeira	1	1,4
	Barro	1	1,4
Janelas	Madeira	22	30,6
	Misto (vidro e madeira/metalão)	22	30,6
	Metalão	16	22,1
	Vidro	12	16,7

Iluminação	Elétrica embutida	41	56,9
	Elétrica exposta	24	33,4
	Elétrica exposta e embutida	6	8,3
	Bico de luz	1	1,4
Cômodos	5 cômodos	5	6,9
	6 cômodos	6	8,2
	7 cômodos	12	16,7
	8 cômodos	12	16,7
	9 cômodos	12	16,7
	10 cômodos	13	18,1
	11 cômodos	5	6,9
	12 cômodos	3	4,2
	13 cômodos	1	1,4
	15 cômodos	1	1,4
	16 cômodos	1	1,4
Local da cozinha	Parte interna da casa	56	77,8
	Parte interna e externa da casa	15	20,8
	Parte externa da casa	1	1,4
Aquisição da casa	Casa Própria	55	76,4
	Casa Cedida	17	23,6

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2012.

A partir desses dados expostos acima, observamos como as habitações vão adquirindo cada vez mais características urbanas, seja pelo tipo de material utilizado nas construções ou, até mesmo, a partir da construção de novos espaços. Nessas situações, constatamos que as famílias separavam os ambientes de trabalho na propriedade do ambiente de moradia, afastando da casa o chiqueiro, o curral, o galinheiro. Ou seja, há um afastamento do espaço da casa do mundo do trabalho e do espaço agrícola, demonstrando a influência da introdução de hábitos citadinos. Rambaud (1973), em sua

pesquisa realizada na França, identificou as transformações pelas quais a casa vai passando dentro da propriedade que contribuem para que as residências passem a ser mais valorizadas e reformadas, tornando-se um lugar de bem estar e conforto.

Ao analisarmos os *aspectos relacionados à casa e aos investimentos na mesma*, verificamos que as famílias, ao realizarem reformas, construções ou aquisição de bens materiais, tinham como referência o modelo de arquitetura e decoração das casas urbanas. No entanto, as famílias continuaram a manter aspectos tradicionais ligados à moradia, seja em relação à sua estrutura física, seja em relação aos seus objetos de uso familiar e individual, assim como, utensílios domésticos, móveis, adornos e equipamentos.

Nesse sentido, as Tabelas 3 e 4 resumem as principais respostas relatadas pelas famílias a respeito desses questionamentos. Observou-se que 18,1% dos respondentes alegaram que a casa permanecia do mesmo jeito, sendo este considerado um percentual expressivo, indicador da permanência de costumes e hábitos tradicionais que permanecem ao longo do tempo. Já 19,4% dos respondentes alegaram que na casa antiga o número de cômodos era menor. Ou seja, a casa atual havia aumentado de tamanho em relação à antiga. Em relação ao questionamento relacionado a reformas, constatou-se que dos 79,2% que disseram ter feito a reforma, esta se dava principalmente na troca do telhado e na construção de outros cômodos na casa, com 24,6% das respostas.

TABELA 3 – Características das casas das famílias pesquisadas no município de Araponga, MG, anteriormente à reforma.

Características	n¹	Porcentagem (%)
Menor o número de cômodos	14	19,4
A casa permanece do mesmo jeito	13	18,1
Não tinha casa, apenas o terreno	12	16,6
Chão de cimento queimado	7	9,7
Sobrado com janela de madeira, chão de tábuas e forro de taquara	6	8,3
Janelas de madeira, sem reboco e sem piso	5	6,9
Casa de pau-a-pique	4	5,6
Não havia forro no teto	3	4,2
Casa ripada, barreada e de assoalho	2	2,8
Telhado antigo	2	2,8
Os cômodos tinham outras funções	2	2,8
Casa pequena, sem banheiro e sem luz	1	1,4
Havia alpendre na frente da casa	1	1,4

n¹: número de pessoas que responderam à mesma questão.

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2012.

TABELA 4 – Tipo de reforma realizada pelas famílias pesquisadas no município de Araponga, MG.

Reformas realizadas nas habitações	n¹	Porcentagem (%)
Trocou o telhado	14	24,6
Construiu outros cômodos	14	24,6
Reformou a cozinha e/ou colocou forro no teto (e pôs de taquara, madeira ou PVC)	10	17,5
Colocou cerâmica em algum cômodo	9	15,8
Trocou as portas e janelas	5	8,8
Pintou ou rebocou a casa	3	5,2
Construiu toda a casa	2	3,5

n¹: número de pessoas que responderam à mesma questão.

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2012.

A partir das características pontuadas pelas famílias nas tabelas 3 e 4, podemos perceber a racionalidade propagada pela cidade, que se caracteriza pelos modos de viver urbano que adentra o campo principalmente quando observamos os aspectos ligados às reformas. Se antes as famílias tinham, por exemplo, o chão de cimento queimado após a reforma constatamos que elas procuravam modificar suas habitações utilizando materiais característicos dos espaços urbanos, como por exemplo, a cerâmica. Sendo assim, a modificação no *habitat* representa, de acordo com Rambaud (1973), um crescimento do nível de vida, fazendo da casa o símbolo dessas mudanças.

6.2. Mudanças nos modos de morar das famílias pesquisadas, na atualidade

A compreensão apresentada neste estudo quanto às mudanças nos modos de morar das famílias rurais pesquisadas, na atualidade, foram observadas tendo como a primeira referência as *mudanças na estrutura física das habitações*. As falas abaixo ilustram a estrutura das habitações antes da reforma, caracterizando-as pelo tipo de material das paredes, tipo de janelas, piso, enfim, todos os aspectos envolvendo a habitação e as principais mudanças efetuadas nas habitações ao longo dos anos.

“Era pequena, não tinha banheiro, luz. A janela era aquela veneziana. Tinha um terreiro de terra. O piso era queimado, não tinha forro no teto, na cozinha. Era pintada só de cal. Já tem uns nove anos que reformou. Meu marido colocou forro na cozinha e fez outra cozinha” (Respondente 32, mulher, 33 anos).

“Aqui tinha menos cômodo; a telha era mais antiga, aquela feita de barro sabe? Bem inferior. Tinha piso queimado. O teto era de taquara. Depois colocou cerâmica na casa, pintou. A cozinha foi reformada. Colocou cerâmica no fogão de lenha” (Respondente 10, homem, 56 anos).

“Ela tinha só três quartos. O banheiro era dentro da cozinha, era de meia água. As janelas de lata, o chão de piso liso, varanda piso grosso. Não tinha esse telhado. Era telha de barro, caibo de madeira roliça do jeito que veio do mato. Depois mudou o telhado, o jeito da varanda, colocou piso e trocou as janelas” (Respondente 68, homem, 42 anos).

As falas dos respondentes nos levam a perceber como a urbanização do campo impacta no modo de morar, despertando o desejo das famílias em modificar a estrutura física e em fazer reformas. Ao analisarmos a fala da respondente “32” observamos de forma concreta a influência desse processo de urbanização, visto que, a casa aumentou

de dimensão e o banheiro que antes não tinha passou a constituir um cômodo na habitação, dando significado aos hábitos de higiene que passam a incorporar a “civilidade” das pessoas, conforme diria Norbert Elias (2011) em sua obra “*O Processo Civilizador*”. Nesse contexto, a modificação do habitat, seja pela substituição do piso, de cimento queimado/chão batido a cerâmica, ou mesmo, pela troca do telhado, que foi um item relatado com frequência pela maioria dos respondentes, são mudanças que introduz em seu sistema tradicional a possibilidade de romper a submissão ao dado natural através de um espaço com uma nova característica, mas que não necessariamente significa uma mudança de estilo.

Outra referência que permitiu descrever as mudanças nos modos de morar das famílias rurais pesquisadas, na atualidade, foram o *reequacionamento e as funções dos espaços após as reformas*. Isso porque esse item torna-se um dado importante acerca das transformações que os ambientes vão assumindo dentro das habitações, seja em relação à localização dos cômodos, que muitas vezes passam a ser internos ou externos à habitação, ou em relação à sobreposição ou mudança de função que eles passam a assumir, conforme pode ser identificado na fala abaixo:

“A parte que tem o escritório fez dois quartos, ali antes era um curral. E assim, não era tudo plano igual tá agora, tinha muitas escadas né? Aí tirou essas escadas e aterrou pra poder ficar do jeito que tá agora. O chão era cimento liso, não era cerâmica não. Essa varanda aqui (ao lado da cozinha) era de tábua corrida, só que aí o sol estragou muito sabe? Aí bateu laje e colocou cerâmica né? Ali (na varanda) onde está aquelas grades colocou tudo madeira. A cozinha onde faz comida, passava oca. Um barro amarelo que você tira e coloca na água né? Aí não passava cal e nem tinta, era oca” (Respondente 27, mulher, 35 anos).

Durante a pesquisa, um aspecto que chamou a atenção foi em relação à localização da cozinha. Na maioria das casas, a cozinha estava localizada na parte interna da casa (77,8%). Mas, 20,8% delas possuíam duas cozinhas, sendo uma localizada dentro de casa e a outra fora. Apenas uma família tinha cozinha na parte externa. A cozinha externa significa uma reminiscência, ou seja, uma lembrança, de um hábito, tipicamente relacionado ao modo de vida rural. Algranti (1997), em seu estudo “*Famílias e Vida Doméstica*”, já citava a cozinha como exemplo do reequacionamento do espaço, onde esta passou a integrar o corpo da casa, após terem sido erguidas em seu exterior. Constatou-se ainda, que esses espaços se sobrepunham a outras funções, sendo

ora espaço de refeição e ora de lavar roupas. O mesmo foi constatado para o banheiro, onde este, quando existia, por muito tempo ficou localizado na parte externa da casa.

“A casa não era rebocada, nós rebocamos tudo. Não tinha banheiro. O banheiro era externo” (Respondente 15, homem, 78 anos – grifo nosso).

Em síntese, correlacionando esses dados aos modos de vida das famílias pesquisadas, percebemos que a modificação do *habitat* faz dela (a casa) o diagrama sociológico da sua evolução, como pode ser percebido no reequacionamento e funções dos espaços. Um exemplo disso foi justamente a cozinha e o banheiro, localizados na parte externa da casa, que evidenciam a reminiscência de um hábito, tipicamente relacionado ao modo de vida rural. Quando incorporados ao “corpo” da casa, passam a expressar outro hábito ou modo de vida, relacionado às práticas citadinas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que constatamos mudanças nas habitações das famílias pesquisadas, notamos, também, permanências de características e formas de morar que se mantinham no decorrer dos anos, conforme poderemos verificar no relato abaixo, onde a habitação mantém as mesmas características expressas em seus materiais:

“Ela era assim mesmo, com portas e janelas de madeira, casa de pau-a-pique, chão da cozinha de cimento, quartos e sala de tábua corrida, não tinha reboco. Os esteios dessa casa são de madeira braúna” (Respondente 11, mulher, 76 anos, grifo nosso).

A casa no campo, portanto, é a apropriação material e simbólica do espaço. O valor social que se dá ao objeto, ou ao que representa a casa, tem aí, além da funcionalidade do cotidiano territorializada no *habitat*, significados afetivos e simbólicos que certamente representam uma série de valores da família que vive nesse espaço, construídos a partir da sua trajetória histórica, dando sentido da tradição para a sua prática.

O *interior das casas*, além de evidenciar os modos de morar das famílias é revelador da cultura dos seus moradores. Objetos tradicionais associados a adornos, flores, imagens de santos, objetos confeccionados artesanalmente e retratos de família decoravam as paredes das residências. Esses objetos frequentemente estavam associados a outros considerados modernos, como televisão e aparelho de som, que

juntos davam vida à residência, especialmente associados a espaços da sala de estar e da cozinha.

A *distribuição dos objetos* no interior da casa também compunha um item da decoração das casas. Assim, por exemplo, as panelas e os utilitários da cozinha, cuidadosamente dispostos, figuravam como itens de decoração. A mesma panela usada para cozinhar era cuidadosamente areada e posicionada sobre a toalha de renda ou a toalha pintada à mão na prateleira, ou pendurada na parede, tendo, portanto, uma função utilitária e decorativa.

Esses dados nos permitem perceber como os rurais absorvem a Cultura urbana na sua própria cultura, selecionando o conteúdo a ser absorvido, bem como dando forma e ritmo próprio a este processo de aculturação (RAMABAUD, 1973). Nesse sentido e com base nos resultados aqui apresentados, podemos dizer que as famílias pesquisadas buscavam integrar o mundo rural ao mundo urbano, combinando formas antagônicas que faziam referência ao "antigo", ao "tradicional" e ao "novo", "moderno", e "urbanizado", que se expressam também na dominação da lógica capitalista sobre os valores tradicionais da sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao caracterizar as condições de moradia e do microambiente familiar, percebeu-se que esses aspectos apontavam indícios de uma *paridade* que se estabelecia entre os habitantes do campo com os habitantes da cidade, decorrente da influência do processo de urbanização. A começar com o acesso a serviços básicos de infraestrutura, a exemplo da água encanada e energia elétrica, serviços que antes se apresentavam como sendo característicos dos cidadãos, mas que agora já fazem parte da realidade das famílias pesquisadas. No entanto, constatou-se que o acesso aos serviços não se dava de forma equilibrada. Ou seja, mesmo tendo acesso a luz elétrica e a água, as famílias ainda se mostraram mais próximas de um modo de vida rural que urbano, principalmente, quando observamos os percentuais mais altos associados à ausência de sistema de esgoto e coleta de lixo.

Um ponto primordial influenciado pelo processo de urbanização se deu em relação ao investimento na moradia, onde verificamos como as edificações expressavam

mudanças nos modos de morar das famílias na atualidade. Mudanças estas decorrentes dos tipos de materiais utilizados nas construções e reformas das mesmas, nos revestimentos, acabamentos, reequacionamento, funções dos espaços e obtenção de objetos decorativos que apresentavam semelhanças com o modelo de arquitetura e decoração das moradias citadinas.

Entretanto, cabe a nós abrirmos um parêntese nesta questão de moradia, pois a realidade estudada apresentou rupturas inerentes a esse processo de transformação, mas também apontou permanências no que se refere principalmente aos aspectos relacionados ao interior das casas, onde a presença e distribuição de objetos apontaram para características e valores simbólicos tradicionais.

Neste contexto, podemos dizer que o processo de urbanização trouxe consigo modificações, ainda que parciais, nos modos de morar das famílias rurais diante da apropriação que elas faziam da cultura urbana, a partir dos filtros estabelecidos pelas especificidades culturais enraizadas na sua história, no seu modo de vida, sem, no entanto, perder as suas especificidades culturais.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Melo e (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BAGLI, Priscila. Rural e Urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. Capítulo 5, p.81-109.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F.Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre. RS: Zouk, 2008. p. 163-211.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes, Tradução: Ruy Jungmann. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. Capítulo 1, p.11-32.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 15 ed. Revisada. São Paulo, Global. 2004.

_____. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro. J. Olympica. 1973. 573p.

RAMBAUD, Placide. **Société Rurale et Urbanisation**. Paris: Editions du Seuil, 1973, 343 p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. 157p.

SILVA, Keli de Oliveira. A periferização causada pela desigual urbanização brasileira. **Revista Urutúgua – Revista acadêmica multidisciplinar** (DCS/UEM), n.11, Paraná, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. Capítulo 6, p.111-130.

TRIOLA, Mario F. **Introdução à estatística**. 10 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociologia e Agricultura**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1, 2009, p. 60-85.